Desarquivando: histórias de acervos

Bianca Alves de Siqueira[1]
Christina Stephano de Queiroz[2]
Javier Amadeo[3]
Luís Augusto Meinberg Garcia[4]
Maria Teresa Mhereb[5]
Matheus Menezes[6]

Livros, manuscritos, documentos, jornais amassados, cadernos e folhas soltas, máquinas de escrever, listas telefônicas com grifos, receitas de comidas, fotografias, desenhos, partituras, óculos, bilhetes de dólares e moedas. Os acervos — públicos, privados, pequenos, grandes, organizados ou desorganizados — guardam histórias que só existem quando olhamos para elas, conforme nos lembra o crítico e semiólogo francês Roland Barthes (1915-1980) em seu célebre livro *A Câmara Clara* (2017). Na obra, o autor defende que a essência de uma vida não emerge apenas de imagens realistas, mas também das particularidades e dos detalhes ínfimos de uma existência. Já Edward Saïd (1935-2003), em "Permissão para narrar" (2025 [1984]), destaca que, na arena pública, histórias de povos e grupos minorizados, subalternizados e desumanizados frequentemente são silenciadas por narrativas de grupos dominantes. É o que ocorre, nos dias de hoje, com diferentes povos sob ameaça colonial, entre os quais o povo palestino.

Esta seção se apoia nas reflexões desses dois autores para pensar sobre a memória da presença árabe no Brasil. Assim, considera tanto o processo de construção de arquivos quanto o desarquivamento de acervos ocultos como práticas que podem favorecer a articulação de novas narrativas, sejam elas históricas, literárias, sociológicas ou antropológicas.

[1] Pesquisadora na Cátedra Edward Saïd de Estudos da Contemporaneidade, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Mestre em História pela Unifesp. E-mail: biancasiqueira.b@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0009-0007-3380-1946.
[2] Professora Visitante da Cátedra Edward Saïd de Estudos da Contemporaneidade da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), diretora de comunicação do Instituto da Cultura Árabe (ICArabe) e jornalista de ciência. E-mails: christina.queiroz@unifesp.br e queirozchris@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7614-5340.
[3] Professor do Departamento e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e coordenador da Cátedra Edward Said de Estudos da Contemporaneidade. E-mail: javier.amadeo@unifesp.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-3941-2163.
[4] Pesquisador na Cátedra Edward Saïd de Estudos da Contemporaneidade da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Doutorando em Ciências Sociais pela Unifesp, com bolsa FAPESP (nº processo: 2025/21579-4). Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: luis.meinberg@unifesp.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2325-7461.
[5] Pesquisadora na Cátedra Edward Saïd de Estudos da Contemporaneidade, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade de São Paulo (USP), realiza estágio de pós-doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Email: teresamhereb@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7458-8829.
[6] Pesquisador na Cátedra Edward Saïd de Estudos da Contemporaneidade, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Doutorando em Estudos Literários e Culturais pela Universidade de São Paulo (USP). Email: matheus.menezes@usp.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-1473-0675.

Registros históricos informam que os primeiros imigrantes árabes vieram ao Brasil na virada do século XIX para o XX, que muitos eram cristãos e fugiam de perseguições do Império Otomano (1299-1922). Chegaram pobres e ascenderam social e economicamente no país por meio do trabalho de mascate, ou vendedores ambulantes. Já um outro grupo fundou revistas e ligas literárias que, em um primeiro olhar, apresentavam caráter conservador, rejeitando qualquer movimento de renovação da literatura árabe. Com o espírito de Barthes e Saïd no horizonte, nos propusemos a criar uma seção para abordar histórias reveladas a partir de pesquisas realizadas em acervos pouco ou nada explorados até o presente momento.

O desejo de pesquisar em arquivos pouco conhecidos relativos à presença árabe ganhou impulso com a criação do Projeto de Digitalização da Memória da Imigração Árabe no Brasil. Estabelecido em 2016 por meio de parceria entre a Câmara de Comércio Árabe Brasileira (CCAB) e a Universidade de Saint-Esprit de Kaslik (USEK), do Líbano, seu objetivo é preservar e divulgar documentos sobre a presença árabe no país por meio da digitalização e da oferta de acesso on-line gratuito a diferentes públicos. A iniciativa, que já digitalizou cerca de 7 Tb de documentos, abarca o mapeamento e a digitalização de acervos públicos, privados e familiares, com a proposta de viabilizar e estimular o desenvolvimento de pesquisas em fontes pouco exploradas, incluindo livros raros, periódicos, documentos e fotografias, entre outros. Assim, já foram digitalizadas coleções da Câmara de Comércio Árabe-Brasileira (CCAB), da Biblioteca Mário de Andrade, do Centro de Estudos Árabes da Universidade de São Paulo (USP), do Instituto da Cultura Árabe (ICArabe), do Lar Sírio Pró-Infância, do Club Homs, do Arquivo Público do Estado de São Paulo, da família Eduardo B. Jafet, da Associação Beneficente Sírio-Libanesa, da Catedral Metropolitana Ortodoxa, do Esporte Clube Sírio, do Padre Ibrahim Soliman, da família Samoel Atlas, da família Assad Abdalla, da família Chicri Curi, de Ricardo Calil Curi, de Roberto Anis Calfat e da família Jamil Zarif Netto. Em 2026, o projeto deu início a uma nova etapa, ao assinar uma parceria com a Cátedra Edward Saïd de Estudos da Contemporaneidade da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Por meio do acordo, o processo de mapeamento, catalogação e digitalização de acervos passou a contar com o trabalho de uma equipe de pesquisadores, que também realizará a análise do material levantado.

No Brasil, acervos relacionados ao mundo árabe estão dispersos, refletindo a fragmentação da própria comunidade no país. Por exemplo, a maioria dos primeiros imigrantes que chegaram ao Brasil entre o final do século XIX e o começo do XX era cristã. Muitos fugiam de perseguições do Império Otomano contra públicos não muçulmanos. Com isso, no passado, as comunidades cristãs e muçulmanas do país não tinham proximidade. Como um dos reflexos dessa fragmentação, diferentes pesquisadores vêm identificando a existência de coleções pouco conhecidas espalhadas por diferentes partes do país, em acervos de mesquitas e cemitérios islâmicos, em arquivos sobre os escravizados malês, no espólio de intelectuais esquecidos pela historiografia e em bibliotecas e acervos documentais de instituições centenárias, como o Club Homs, em São Paulo.

A pesquisa em acervos pouco conhecidos permitiu, por exemplo, revelar a trajetória intelectual de mulheres árabes atuantes na literatura e na imprensa. Mostrou

que autores vinculados à *Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes* (1935-1953) traduziram poetas canônicos brasileiros para o árabe, como Olavo Bilac (1865-1918) e Castro Alves (1847-1871). Que intelectuais de origem árabe de diferentes classes sociais e afiliações políticas se engajaram na luta contra a partição da Palestina durante décadas. Que os autores da Liga Andaluza de Letras Árabes não eram tão conservadores como se pensava. Descobriu-se, ainda, que um poeta e médico brasileiro de ascendência libanesa foi um dos primeiros no Brasil a realizar terapias com ácido lisérgico, importando o produto diretamente da Suíça. Além disso, foram identificadas tentativas de outro escritor com essa origem de criar uma seção em um grande jornal paulistano para incentivar a construção de "uma nacionalidade desde o fundamental [...] a criação de um outro Estado para todos os povos"[7].

Algumas dessas histórias serão contadas a seguir, nesta primeira edição da seção "Desarquivando: histórias de acervo", que, a partir de agora, passa a fazer parte da *EXILIUM — Revista de Estudos da Contemporaneidade*. Seu objetivo é, em primeiro lugar, colocar em circulação o pensamento e a produção literária e intelectual de autores relacionados ou que pensaram sobre a diáspora árabe nas Américas. Além disso, em segundo plano, também quer contar histórias de acervos considerando um contexto mais amplo de pesquisa em coleções pouco exploradas, não limitando o trabalho a arquivos relativos à presença árabe no Brasil.

Uma vez que o trânsito geográfico em contextos de diáspora implica também um trânsito, não raro traumático, entre línguas e que a tradução é condição indispensável para o acesso a textos, bem como para os contatos culturais de forma geral, a seção pretende, ainda, veicular traduções de autores diversos, partindo de línguas-fonte variadas, que incluem o árabe, mas também o inglês, o francês e o espanhol, por exemplo — com destaque para a publicação de traduções de textos diretamente do árabe para o português brasileiro, movimento que tem sido cada vez mais possível em razão da formação de arabistas por parte de professores como Safa Jubran, Michel Sleiman e Mamede Mustafa Jarouche da Universidade de São Paulo (USP).

Como proposta comum, os textos da atual seção procuram desvendar imaginários e ideias que ficaram relegadas na memória da presença árabe no país. Muitos dos intelectuais do *Mahjar*[8] estão fora da historiografia literária brasileira e talvez possam ser considerados "menores". Então, por que é importante colocar esses autores e esses pensamentos em circulação? Um dos textos que publicamos neste número, identificado em um acervo[9] por Christina Stephano de Queiroz e Luís Augusto Meinberg Garcia, traz uma primeira resposta possível. O editorial "Ao Povo Americano", originalmente veiculado em outubro de 1947 na revista *O Oriente*, dirigida pelo escritor e jornalista brasileiro de origem síria Mussa Kuraiem (1894–1974), evidencia como, na década de 1940, intelectuais de origem árabe radicados em São Paulo estavam empenhados em desconstruir mitos sionistas e explicar para o leitor brasileiro os efeitos

[7] Rascunho de uma carta encontrada no espólio do poeta Assis Féres (1912-1978).
[8] Termo que pode ser traduzido literalmente como "lugar para qual se migra'", designa, em linhas gerais, a produção intelectual e literária de imigrantes árabes nas Américas.
[9] Ver o portal da North Carolina State University em: https://arabicsearch.org/browse-periodicals.

do colonialismo no Oriente Médio, às vésperas da *Nakba* — a catástrofe vivida pelo povo palestino.

Nesta primeira edição da nova seção, também publicamos a tradução de um manifesto escrito pelo poeta libanês Gibran Khalil Gibran (1883-1931), em que ele polemiza com o espírito conservador de certos personagens da intelectualidade árabe. A difusão do texto de Gibran constitui um primeiro passo para compreender melhor a relação entre o *Mahjar* sul-americano e o norte-americano. Em texto introdutório, Matheus Menezes, que assina a tradução — a primeira conhecida para o português brasileiro —, refuta uma hipótese comum que circula entre pesquisadores da área, segundo a qual o grupo que orbitava em torno de *A Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes* (1935-1953) seria estritamente conservador e contra movimentos de renovação da literatura.

Encarando a prática da tradução como produção de arquivo diaspórico, Maria Teresa Mhereb verte para o português brasileiro o artigo "O dia de Gibran: mestre do pincel e da pluma", publicado em espanhol em uma edição de 1946 da revista *Laiazul*, além de duas parábolas de Khalil Gibran, publicadas originalmente em inglês. Fundada em Santiago do Chile, em 1945, por um casal de brasileiros de ascendência síria e libanesa, Assis Féres (1912-1978) e Olga Schain (1907-1987), a *Laiazul* é apresentada como manifestação do multilinguismo da presença árabe nas Américas.

Por fim, Bianca Alves de Siqueira apresenta o relato do trabalho de organização que vem realizando com livros do Instituto da Cultura Árabe (ICArabe), que possui um importante acervo relativo à presença árabe no país.

Todos os trabalhos aqui mencionados estão sendo ou foram realizados por meio de bolsa de pesquisa concedida pela Cátedra Edward Saïd de Estudos da Contemporaneidade, sob a direção de Javier Amadeo, coordenador da instituição.

Boa leitura!

Referências bibliográficas

Barthes, R. (2017). *A câmara clara*. Tradução de Júlio Castañon. Nova Fronteira.

Saïd, E. (2025). Permissão para narrar. Tradução de Alessandra El Far. *Revista Pensata, 13*. https://doi.org/10.34024/pensata.2025.v13.21294.

DOI desta publicação: https://doi.org/10.34024/ejjdt108.